

Novas crenças e práticas religiosas: Mudanças de hábitos e transformações na visão de mundo na cidade de São Paulo

Silas Guerriero*

Resumo

Temos assistido, nas últimas décadas, a uma transformação no universo de crenças e nas práticas religiosas. Este artigo procura, a partir de um *survey* aplicado nos bairros da Vila Madalena e do Pari, verificar o grau de transformação nos hábitos religiosos e no sistema de crenças na cidade de São Paulo. Os novos valores não são exclusivos de pessoas voltadas somente às novas religiões, mas penetram no senso comum e são absorvidos com naturalidade, mostrando que há uma transformação mais ampla da visão de mundo em curso na sociedade.

Palavras-chave: *crenças; práticas mágicas; novas espiritualidades.*

Abstract

In the latter decades, we observed a transformation in the believes and in the religious practices. The present paper discusses the changes in the religions habits and in the believers system in São Paulo city. The data came from a survey applied in the districts of Vila Madalena and Pari. The new values aren't restricted to the people linked with the new

* Antropólogo e Prof. Associado do Departamento de Teologia e Ciências da Religião e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da PUC-SP.

religions, but they are naturally absorbed in the common sense. This means that there is a large transformation in course in the world view.

Keywords: *believers; magical acts; new spiritualities.*

As crenças e valores difundidos através das práticas das novas espiritualidades, em especial as diretamente relacionadas ao que se convencionou denominar de Nova Era, penetram no senso comum, modificando hábitos e provocando transformações na visão de mundo da sociedade urbana. Os valores tradicionais não são simplesmente abandonados, mas mesclam-se com os novos. Essas mudanças, que ocorrem na sociedade como um todo, são mais perceptíveis em determinadas regiões da cidade e também em estratos sociais diferenciados.

O objetivo deste artigo é demonstrar, a partir de uma pesquisa realizada na cidade de São Paulo, nos bairros do Pari e da Vila Madalena, o grau das modificações nas práticas cotidianas e na visão de mundo provocadas pelo contato da população com as novas espiritualidades, bem como pela difusão de novos valores através da mídia e demais veículos. A seleção desses dois bairros não permite que façamos generalizações para toda a região metropolitana de São Paulo, mas apenas perceber, em localidades com características distintas, como se dá a formação dessa nova consciência religiosa nesse começo de século.

1 O universo das novas crenças

Temos assistido nas últimas décadas a um incremento de novas crenças no seio da sociedade. Não há um único indivíduo, morador de um grande núcleo urbano, que não tenha entrado em contato com alguma forma de espiritualidade alternativa às tradicionalmente estabelecidas. Sem dúvida que o grau de contato varia enormemente,

assim como também a resposta desse indivíduo a esse novo universo de crenças. Porém, é inegável que elementos das chamadas novas espiritualidades fazem parte do senso comum, estando presentes nos meios de comunicação. Veículos como telenovelas, propagandas e peças de publicidade, matérias de revistas, populares ou não, incluem em seus repertórios elementos dessas novas crenças. Há, também, o forte apelo causado pela exposição da opinião de um personagem famoso, como um artista ou esportista, quando afirma, por exemplo, praticar meditação, utilizar florais ou tratar-se com imposição de mãos. Pode-se até ficar indiferente, posicionar-se contra ou sentir-se estimulado a experimentar uma novidade, mas o interessante é notar tanto o grau de presença desses elementos como a forma naturalizada em que são transmitidos. Não se trata mais de aspectos de um posicionamento radical ou exótico de algum jovem da contracultura, mas algo corriqueiro e amplamente aceito no meio social.

Podemos questionar até que ponto esse quadro cultural representa uma efetiva transformação no sistema de crenças da população brasileira e paulistana em particular. Pesquisas recentes apontam para mudanças na maneira do indivíduo vivenciar sua religiosidade. Em geral, indicam a diminuição da influência das grandes instituições religiosas, a autonomia do sujeito em criar seu próprio quadro de referências, a possibilidade de opção por uma ou até várias religiões, independentemente de sua origem e tradição familiar, além do intenso trânsito entre as agências portadoras de sentido.¹ Outros estudos apontam para transformações no quadro de referências mais amplo e na visão de mundo da sociedade moderna.²

¹ Ver Leila AMARAL, *Carnaval da alma: Comunidade, essência e sincretismo na Nova Era*; Carlos Rodrigues BRANDÃO, *A crise das instituições tradicionais produtoras de sentido*; Antônio Flávio PIERUCCI e Reginaldo PRANDI, *A realidade social das religiões no Brasil* e Pierre SANCHIS, *O campo religioso contemporâneo no Brasil*. (Para referências completas, cf. abaixo **Bibliografia**.)

² A esse respeito, conferir Colin CAMPBELL, *Half-belief and the Paradox of Ritual Instrumental Activism: A Theory of Modern Superstition*. Robert BELLAH, *A nova consciência religiosa e a crise da modernidade*; e Françoise CHAMPION, *Religiosidade flutuante, ecletismo e sincretismos*.

Se assim for, será possível verificar o grau de influência das novas crenças em determinadas regiões da cidade e, após, procurar compreender seu significado.

Pesquisas específicas sobre o universo das crenças, em especial aquelas voltadas ao universo das crenças alternativas têm sido pouco freqüentes no Brasil. São freqüentes pesquisas que tratam das crenças relacionadas às religiões propriamente ditas ou ainda as que procuram retratar algum grupo, ou parcela da população, em especial. Dados empíricos sobre as crenças da população são escassos, dificultando a possibilidade de acompanhamento das mudanças. Podemos destacar algumas exceções, que no âmbito mais amplo de uma pesquisa sobre comportamento religioso acabaram inserindo dados relacionados ao universo das crenças. Entre essas citamos o trabalho de Carneiro e Soares³, abarcando todo o território nacional a partir de uma pesquisa sobre religiosidade e comportamento político realizada pelo instituto Gallup, o artigo de Dillon e Ramos sobre a imagem de Deus⁴ e o trabalho de Cardoso sobre a religiosidade na região metropolitana de Belo Horizonte.⁵ Em alguns outros países, *surveys* ou mesmo pesquisas de maior dimensão são relativamente comuns, possibilitando a construção de séries históricas das transformações e, por conseqüência, uma compreensão do universo das crenças. É o caso da França com os trabalhos de Michetat⁶ e Lambert⁷, principalmente este último, quando faz uma ampla comparação dos dados colhidos em 1981 e 1999.

O universo dessas crenças é muito heterogêneo e, por conseguinte, de difícil definição. Podemos encontrar elementos que apontam para mudanças na imagem da verdade superior,

³ Leandro Piquet CARNEIRO; Luiz Eduardo SOARES, Religiosidade, estrutura social e comportamento político.

⁴ Gláucio Ary DILLON; Paola Novaes RAMOS, A imagem de Deus e suas correlatas.

⁵ Alexandre CARDOSO, Dimensões básicas da religiosidade belo-horizontina. Estudos avançados.

⁶ Guy MICHELAT, L'essor des croyances parallèles.

⁷ Yves LAMBERT, Vers une ère post-chrétienne?; ID., Religion: l'Europe à um tournant.

de um Deus pessoal, criador, para a idéia de uma divindade impessoal que se assemelha a uma centelha universal e presente na natureza. Há, também, a questão da relação das crenças com a ciência. Trata-se da idéia de que existe uma realidade ainda não explicada pela ciência e que esta deverá se transformar, aliando-se às espiritualidades para conseguir compreender outras dimensões da existência. Para muitos, o que a ciência hoje nega e coloca no campo do sobrenatural, será corriqueiramente aceito como parte legítima do conhecimento científico de amanhã. Outro campo bastante visível dessas novas crenças está no interesse cada vez maior e mais erudito da astrologia e demais “mancias”. Além do uso das adivinhações, a magia se faz cada vez mais presente, embora não sob esse termo, principalmente no campo das curas alternativas. De cores e magnetismo até a ação de espíritos sobre a matéria, várias são as técnicas utilizadas para manutenção da saúde ou a recuperação de pacientes enfermos. Antigas crenças são recuperadas e sofrem intenso processo de divulgação, como forças da mente e transmissão de pensamento. Novas crenças são incorporadas ao processo, entre elas a crença de que a Terra é constantemente visitada por seres alienígenas, que de alguma forma têm poder sobre nós, e a vulgarização de aspectos da ciência como a física quântica e a genética.

Assistimos a uma reorganização das crenças proporcionada por uma combinação variada de elementos religiosos, mágicos e científicos. Elementos distintos e anteriormente pertencentes a outros sistemas fazem parte de novas composições que fogem, em sentido estrito, do que entendemos por religião, magia ou ciência. Para o sujeito que crê, possíveis contradições não são sequer observadas, pois o que conta é que esses novos arranjos asseguram uma coerência psicológica e principalmente afetiva.

Para os agentes sociais que se voltam para as novas crenças, os grandes sistemas de explicação do mundo, a ciência e a religião, tendem a ser considerados insuficientes. Um novo sistema se constrói a partir do pressuposto de que é possível aproximar o espiritual do racional,

alargando o conhecimento científico a um modo mais intuitivo, que seja capaz de dar conta dos segredos mais ocultos e das grandes indagações do ser humano.

É nesse quadro mais amplo que podemos perceber esse novo sistema de crenças. Voltaremos a ele no momento da análise dos dados da pesquisa.

2 A pesquisa nos bairros do Pari e Vila Madalena

Os dados dessa pesquisa⁸ foram levantados a partir de um *survey* exploratório realizado durante o ano de 2005 e fazem parte de uma investigação mais ampla em curso no Departamento de Teologia e Ciências da Religião da PUC-SP. A pesquisa maior, denominada *A Metrópole e o Sagrado: territórios, identidades e processos*, é composta por vários sub-projetos, cada qual sob a responsabilidade de um docente. Nosso sub-tema, Nova Consciência Religiosa e Valores Holísticos, partiu da constatação do estudo realizado por José Guilherme Magnani sobre os espaços neo-esotéricos da cidade de São Paulo.⁹ Ao mapear os serviços denominados neo-esotéricos, típicos das práticas das novas espiritualidades, o autor percebeu manchas de concentração em alguns bairros da cidade de São Paulo. O núcleo mais denso, com maior quantidade relativa de espaços voltados a essas novas práticas e promotores de divulgação de novas crenças, cobria quatro distritos caracterizados como de classe média e média alta.¹⁰ Seleccionamos, para nossa pesquisa, um desses distritos, o de Pinheiros. Dentro dele, foi possível, ainda,

⁸ A pesquisa contou com a valiosa participação dos estudantes e bolsistas de iniciação científica Leandro Francisco e Antônio Gilberto P. Leite Filho.

⁹ José Guilherme MAGNANI, *Mystica Urbe: Um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole*.

¹⁰ *Ibid.*, p. 24.

destacar a AED referente ao bairro da Vila Madalena.¹¹ Este bairro possui características bem particulares, pois a expansão urbana com a construção de grandes edifícios de moradia é relativamente recente e comporta, ainda, muitas residências antigas, com moradores que estão no bairro há várias gerações. Por outro lado, nas últimas décadas, Vila Madalena se tornou um reduto de boemia, com várias casas noturnas e espaços artísticos e culturais. A ocupação da região por pessoas mais jovens e com mentalidade voltada às práticas das novas espiritualidades é visível. Assim, a região se mostrou ideal por se caracterizar como de alta concentração de atividades esotéricas ou voltadas às práticas alternativas. A decisão por delimitar a AED também tornou possível trabalhar com os dados do censo demográfico.

Como contraponto ao bairro da Vila Madalena, elegemos o distrito do Pari. Na análise de Magnani, o Pari aparece como uma das regiões de menor concentração de espaços neo-esotéricos. Trata-se de um bairro bastante tradicional, com poucas edificações modernas. De maneira geral, podemos afirmar que não se configura como um bairro “da moda”, no sentido de que para lá convergiriam serviços voltados ao consumo jovem, como lojas alternativas, bares e casas noturnas, espaços culturais etc. Assim, podemos perceber que são duas regiões opostas em relação às práticas e serviços voltados às novas espiritualidades, mas que apresentam ocupações residenciais tradicionais.

Através de uma primeira aproximação, e utilizando a técnica denominada de “estimativa rápida”, selecionamos algumas quadras residenciais em ambos os bairros.

¹¹ AED, ou Área de Expansão dos Dados da Amostra, é a menor unidade espacial disponibilizada pelo IBGE para os resultados da amostra do Censo Demográfico 2000. Um distrito pode conter uma ou várias AED's. O conceito de distrito abarca uma concepção de território sob uma mesma administração tendo, portanto, fronteiras específicas e objetivas. Por outro lado, bairro guarda uma conotação mais voltada à denominação atribuída pela própria população. Seu contorno é impreciso e possui um valor mais simbólico que operativo. No caso da Vila Madalena, percebemos que os contornos da AED coincidem praticamente com o bairro, tornando possível, para os limites da nossa pesquisa, trabalhar com os dados censitários.

Procurou-se, através dessa técnica de pesquisa, identificar as ruas e quadras que mais se aproximassem de um perfil de moradias do tipo residência ou casa, evitando assim as grandes edificações, e que apresentassem um padrão médio. Dessa maneira, evitamos os grandes extremos, como os cortiços (presentes no Pari), as moradias mais precárias (presentes em ambos os bairros) e as mais suntuosas (presentes em um pequeno espaço da Vila Madalena). A partir dessa seleção, empreendemos uma pesquisa domiciliar por amostragem, guardadas a proporcionalidade da maior população da Vila Madalena em relação ao Pari. Ao todo foram aplicados 142 questionários.

Através do censo demográfico 2000, do IBGE, é possível perceber que os dois bairros apresentam uma distribuição equivalente entre a população masculina e a feminina, perfil etário e tempo de moradia no município. Praticamente 60% dos moradores de ambos os bairros nunca migraram. Isso indica aquele perfil de moradias mais tradicionais apontado anteriormente. Porém, as semelhanças terminam por aí. A população da Vila Madalena é mais branca e menos parda, sendo que o número de negros e orientais é praticamente o mesmo. Em relação aos dados sócio-econômicos, a disparidade é evidente. O total da população que vive com menos de cinco salários mínimos é de 54,1% no Pari e 25,1% na Vila Madalena. Por outro lado, aqueles que vivem com mais de vinte salários mínimos são 5,3% no Pari e 32,3% na Vila Madalena. A Vila Madalena apresenta, também, os melhores índices de escolaridade, com 45,8% da população com mais de doze anos de estudo, contra apenas 15,1% no Pari. Em relação à composição da população em termos religiosos, os dados apontam para algumas disparidades. Excluindo a alta percentagem de islâmicos no Pari (4,1%), pois há nesse bairro uma tradicional comunidade islâmica, os números de afro-brasileiros e de adeptos de religiões orientais são praticamente iguais. Os espíritas e os católicos aparecem em número um pouco maior na Vila Madalena, enquanto que os evangélicos são mais numerosos no Pari. A grande diferença está entre os sem religião, que somam 4,9% no Pari (bem abaixo da média da cidade de São Paulo) e 13,1% na Vila Madalena.

3. As crenças entre os moradores dos bairros do Pari e Vila Madalena

Para darmos conta dos resultados da pesquisa, organizamos os dados levantados em algumas categorias. A primeira diz respeito a comportamento dos moradores frente às práticas religiosas tradicionais. Essa aproximação nos permitiu traçar um perfil inicial dessa população. Em seguida, nos detivemos sobre questões que já poderiam indicar uma transformação no sistema de crenças que incorporasse elementos das novas espiritualidades. As categorias selecionadas foram: a imagem da divindade; a dimensão mágica, incluindo as crenças e práticas relacionadas à cura e, por fim, um conjunto de crenças e de posturas, novas ou antigas, que re-significadas nos permitem melhor compreender o universo estudado.

Perguntados a respeito da auto-imagem enquanto pessoas religiosas ou não, os moradores do bairro do Pari responderam afirmativamente de maneira muito mais incisiva (53% contra 29% dos moradores da Vila Madalena). Por outro lado, embora os que se consideram não religiosos sejam mais presentes na Vila Madalena, é significativo o número daqueles que, neste bairro, se consideram às vezes como pessoa religiosa (53%). Tais números podem indicar um menor compromisso desses últimos com as religiões de maneira geral, mas uma permanência da dimensão da religiosidade, quando esta é vivenciada sem compromissos institucionais e sujeita às vontades do indivíduo.

Também em relação à prática de alguma religião, os moradores do Pari se sobressaem em relação aos da Vila Madalena (63% contra 40%, respectivamente). Perguntados sobre o costume de se praticar uma outra religião além daquela declarada como religião identitária, 49% dos moradores da Vila Madalena disseram que sim, mesmo que eventualmente, e 80% dos moradores do Pari responderam negativamente. Em relação ao trânsito religioso, também na Vila Madalena encontramos um número significativamente maior de pessoas que já praticaram outra religião, contra 80% dos moradores do Pari que disseram nunca tê-lo feito.

Apesar da prática de mais de uma religião e do trânsito religioso não serem novidades entre os brasileiros, sua maior freqüência entre os moradores da Vila Madalena pode apontar, novamente, um desapego em relação à instituição religiosa. Essa autonomia do indivíduo, como já dissemos, é uma das marcas da vivência religiosa atual.

O primeiro conjunto de questões referente às novas crenças diz respeito à imagem que a população tem do Ser Supremo, de Deus ou de uma ou várias outras divindades. É forte, ainda, a idéia de um Deus pessoal considerado como pai, embora isso seja muito mais freqüente no Pari que na Vila Madalena (89% contra 62%, respectivamente) e nesta aparece um número significativo de moradores (16%) que se opõe a essa idéia. O mesmo acontece em relação à identificação de Deus como criador e “todo poderoso”. Essa postura é aceita por 83% dos moradores do Pari contra 60% entre aqueles da Vila Madalena. A crença num Deus único, ou seja, mais uma das visões tradicionais da verdade suprema, também é muito mais significativa no Pari que na Vila Madalena (83% contra 60%, respectivamente).

A identificação de Deus como energia ou como natureza aparece em ambos os bairros. Esse dado precisaria ser mais bem aprofundado numa pesquisa ulterior, o que não foi possível frente aos limites desta, mas sugere que essas identificações podem fazer parte do senso comum, sendo repetidas tanto pelos meios de comunicação como pela população.

A idéia de um Deus interior, uma centelha viva dentro de cada pessoa, é muito mais forte na Vila Madalena que no Pari, o mesmo acontecendo com a possibilidade de existência de religiões sem divindades. Esses dados nos sugerem que uma mudança na imagem de uma verdade suprema, ou Deus, é mais evidente no bairro da Vila Madalena. Também entre esses moradores aparece uma maior aceitação de que Deus pode ser feminino e masculino ao mesmo tempo (44% contra 10%, apenas) e de que é possível a existência de vários deuses (60% a 43%), embora a idéia de politeísmo possa ser atribuída tanto às novas religiões como a algumas tradicionais mais antigas.

Na categoria seguinte, referente à dimensão mágica, agrupamos diversas questões que procuravam dar conta de aspectos relacionados ao que convencionalmente se denomina de magia. Nesse sentido, procuramos evitar as conotações pejorativas que a categoria magia pode provocar, tentando enfatizá-la enquanto um poder de manipulação de forças tidas por ocultas, tanto em relação às adivinhações em geral como às chamadas forças da mente. Incluímos, aqui, alguns dados referentes à questão da cura, visto a importância que esta tem para a população. Novas práticas são cada vez mais utilizadas, sendo esse um dos campos mais prolíferos dessa nova visão. Claro que a questão da cura da saúde não é vista, pela população, como uma dimensão necessariamente mágica, mas aqui podemos incluí-la, pois se trata da utilização de técnicas nem sempre aceitas pela ortodoxia da ciência médica.

Numa primeira aproximação, a relação que se faz da magia enquanto obra demoníaca é forte entre os moradores do Pari e muito rejeitada entre os da Vila Madalena. Essa postura está relacionada à visão mais tradicional do cristianismo e reforçada nas últimas décadas pelo discurso das igrejas pentecostais. Nesse sentido, percebemos que o Pari guarda, ainda, elementos de uma visão de mundo mais tradicional, diferentemente da Vila Madalena, onde os elementos das novas crenças começam a se fazer mais presentes. Podemos perceber esse fato nas respostas dadas às questões da magia enquanto manipulação da natureza, como força interna de cada indivíduo e como possibilidade de uma ação mágica voltada para o bem. Em todas elas os moradores da Vila Madalena se destacam, respondendo afirmativamente, em relação aos moradores do bairro do Pari.

A possibilidade de se prever o futuro, através de diferentes mancias, é maior na Vila Madalena (49%) do que no Pari (23%). O mesmo acontece em relação à telepatia (62% contra 36%, respectivamente) e em relação ao poder da imposição de mãos (47% a 30%).

Em relação às curas, percebemos que crenças mais tradicionais, como o poder da cura através da reza, são mais freqüentes no Pari que na Vila Madalena e que a prática da benzeção como instrumento de cura é utilizada por 57% dos moradores do Pari contra apenas 22% na Vila Madalena. Por outro lado, práticas alternativas, como *reike*, florais, cromoterapia e magnetismo (como a utilização de pêndulos e outras técnicas) são mais utilizadas na Vila Madalena. A exceção ocorre por conta da acupuntura, quando o número de praticantes entre os dois bairros não difere significativamente. Podemos atribuir tal fato à divulgação maior do uso dessa técnica e da recente incorporação da mesma no rol das atividades da medicina oficial.

Por fim, a última categoria destacada pela pesquisa trata de crenças e práticas mais diretamente relacionadas com o universo das novas espiritualidades. Alguns elementos aparecem, aqui, de maneira praticamente indistinta em relação aos dois bairros. Podemos atribuir esse fato à difusão dessas crenças por meio dos meios de comunicação e que, de alguma maneira, já fazem parte do senso comum. Nesse rol podemos incluir as crenças no poder da meditação, no fato de que a astrologia é uma ciência e de que o conhecimento científico vai conseguir, num futuro próximo, explicar as coisas que hoje são atribuídas ao sobrenatural (embora esta última seja um pouco mais presente na Vila Madalena).

Em todos os demais quesitos, os habitantes da Vila Madalena surgem com um percentual maior do que os do Pari. É o caso da crença na existência de sorte ou azar provocados por desequilíbrio energético como resultado de pensamento positivo. São 67% dos moradores da Vila Madalena contra apenas 36% dos habitantes do bairro do Pari.

Outras crenças levantadas pela pesquisa indicam uma adequação maior dos moradores da Vila Madalena às novas espiritualidades. Na tabela abaixo podemos perceber a diferenciação entre os dois bairros.

TABELA		
Crenças e práticas entre os moradores de Vila Madalena e Pari (percentual de respostas afirmativas)		
Crença ou Prática	Vila Madalena	Pari
Reencarnação	53%	33%
Poder dos Cristais	54%	20%
Elementais da Natureza	27%	13%
Extra-terrestre	62%	40%
Pratica meditação?	24%	6%
Costuma recitar mantras?	20%	4%
Possui, em casa, objetos como cristais, pirâmides, etc.?	38%	20%
Utiliza algo para atrair energia positiva?	33%	13%

A questão da reencarnação deve ser compreendida levando-se em conta vários fatores. Apesar de o Brasil ser um país majoritariamente cristão, a crença de que após a morte a pessoa reencarna não é uma novidade. Aqui, a influência do espiritismo e de algumas religiões afro-brasileiras provocou a mesma disseminação pelo senso comum que aquela que estamos tentando mostrar aqui com as crenças advindas das novas religiosidades. Nesse sentido, podemos entender que apesar da presença dessa crença ser alta também no Pari, é na Vila Madalena que ela se faz mais presente. No universo da Nova Era e das novas religiões, a idéia de reencarnação está sempre presente. Esse fato pode indicar, mais uma vez, uma maior inserção dos moradores da Vila Madalena no campo das novas crenças.

Chama a atenção, também, o alto número de moradores que acreditam no poder dos cristais. Sabemos que esse é um dos elementos mais difundidos dessas novas espiritualidades e que possui um apelo forte com a ciência, haja vista que as pessoas acreditam serem poderes científicos aqueles provenientes dos cristais.

Quanto à crença nos elementais da natureza, como elfos, gnomos e outros, podemos relacioná-la tanto à divulgação exercida há anos pelos adeptos dessas novas crenças (quem não se lembra do adesivo “eu acredito em gnomos”), como pela influência da mídia através de filmes mais recentes, entre eles o épico *O Senhor dos Anéis*.

A crença em seres extra-terrestres, aqui representada por números bastante altos, deve ser melhor compreendida, pois há vários aspectos relacionados. Uma coisa é acreditar na possibilidade de vida fora de nosso Planeta. Outra, bastante diferente, é crer que exista entre nós extra-terrestres infiltrados, que aqui estão para corrigir os rumos da nossa civilização. De maneira geral, a crença em ET's representa uma novidade, mas não necessariamente uma adequação às novas espiritualidades. Deve ser tomada apenas como um indicativo. Uma pesquisa mais apurada deve ser realizada para detectar as particularidades desse tipo de crença.

Em relação às práticas declaradas pelos informantes, apesar de aparentemente pequenas em números absolutos, devem ser consideradas como um dado significativo das mudanças de hábitos na população relacionadas com as novas crenças. Praticar meditação e recitar mantras são, sem dúvida, fortes características dessas novas espiritualidades.

Em relação ao fato de possuir em casa objetos como cristais, pirâmides, baguá¹² ou outros, percebemos que o grau de penetração dessas novas crenças é bastante grande, embora muito disso possa ser atribuído ao fator comercial e da moda. Afinal, muitas lojas de presentes vendem esses elementos que, acabam, assim, sendo vulgarizados.

¹² Objeto utilizado por adeptos do *Feng Shui* que se coloca na porta de entrada das casas e que, de acordo com esses, visa proporcionar um fluxo maior de energias positivas.

Distantes ou não de suas origens, esse fato indica o quanto esses elementos fazem parte da vida de muitos moradores da grande metrópole.

Por fim, a utilização de algum objeto visando atrair energia positiva foi um dado que também chamou a atenção. Percebemos que há muitas pessoas que utilizam elementos tradicionais, como Bíblia, santinho ou terço como forma de atrair essas energias. Mas o interessante é que isso demonstra o grau de re-significação desses objetos, que agora passam a fazer parte do “campo de energia positiva” da pessoa. Embora o número de pessoas que declaram utilizar esses objetos tradicionais seja grande, foi ainda menor do que aqueles que declararam utilizar incenso (a maioria), cristais ou pirâmides.

4. Senso comum e mudanças na cosmovisão

Há um elemento importante a ser ressaltado. Estamos falando de uma nova visão de mundo, mas é preciso esclarecer que não ocorre uma ruptura e uma transformação radical de um momento para o outro, quando a visão de mundo anterior seria abandonada e uma nova passaria então a ocupar seu lugar. Percebemos que existe uma transformação em curso e que esses elementos, originados no contexto das novas espiritualidades, começam a fazer parte, junto com os anteriores, da visão de mundo e daquilo que podemos denominar de senso comum. Isso quer dizer, também, que as pessoas que partilham dessa nova visão não são, necessariamente, portadoras de identidades claramente definidas pelas novas práticas religiosas. Não é preciso ser um zen budista para praticar meditação. Há um pano de fundo cultural que alimenta um novo ethos e uma nova visão de mundo. Essas novas espiritualidades compõem um conjunto amplo de elementos intercambiáveis com a sociedade mais ampla. Aquilo de que falam não soa como algo absurdo e inusitado às pessoas da sociedade moderna desse início de século. Está nos meios de comunicação e nas conversas informais, nem que seja tratado em tom jocoso ou como brincadeira pueril.

O que vale a pena ressaltar é que faz parte de nosso senso comum. Tais símbolos e idéias permeiam a sociedade. Porém, há diferentes graus de inserção nesse universo. As pessoas articulam esses símbolos de maneiras diversas, construindo diferentes sínteses. É possível perceber, portanto, que o sistema de crenças compartilhado pelos agentes e divulgadores das novas práticas não se distingue na totalidade do conjunto de crenças da sociedade abrangente, mas retira deste aquilo que interessa colocando numa ordem inteligível e compreensível. Forma um todo como se fosse um sub-sistema particular que precisa ser visto com muita acuidade.

Podemos entender as transformações em curso na sociedade brasileira em geral e paulistana em particular, nas quais o bairro da Vila Madalena participa de forma mais intensa e o do Pari em menor grau, de acordo com aquilo que Colin Campbell descreveu acerca de uma mudança na cosmovisão ocidental.¹³ Sua tese afirma que a visão de mundo ocidental sofre um processo de orientalização. Porém, essa orientalização não significa a presença de religiões orientais na nossa sociedade, uma das mais marcantes características das novas espiritualidades. Significa, isto sim, uma mudança profunda na teodicéia ocidental. Para o autor, a orientalização não é simplesmente a entrada de produtos culturais do Oriente, como temperos, comidas, roupas, práticas terapêuticas, religiões ou outras. Esses elementos todos poderiam ter sido incorporados à nossa sociedade sem necessariamente provocar uma mudança no sistema. Isso seria o mais comum e o esperado. Mas, segundo Campbell, não é isso que está ocorrendo. É no campo dos valores que essa teodicéia oriental se faz percebida. Crenças e idéias mais amplas como monismo, unidade corpo e espírito, iluminação, intuição, êxtase, religiosidade espiritual e mística compõem, agora, o universo mais amplo dos sistemas de crenças no Ocidente. Ou seja, sem ficar restrita aos grupos isolados, a cosmovisão oriental pode ser percebida em várias instâncias da sociedade ocidental.

¹³ Colin CAMPBELL, *A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio*.

Da mesma forma, pode-se dizer que os valores das novas religiosidades, vindos ou não do Oriente, estão presentes na sociedade mais ampla. Aparecem em discursos de personalidades nos grandes meios de comunicação, fazem parte de campanhas publicitárias e são incorporados até em programas educacionais ou nos novos paradigmas científicos. Vistos dessa maneira, pode-se afirmar que fazem parte do senso comum.

Geertz¹⁴ afirma ser o senso comum o pano de fundo no qual o conhecimento se torna possível. Tendo como autoridade legitimadora a própria vida, o senso comum é a base da noção do que é tido por verdadeiro ou falso. Citando os Azande estudados por Evans-Pritchard, Geertz diz que por trás de todas as reflexões sobre acontecimentos fortuitos, “se estende a teia de conceitos do senso comum que os azandianos aparentemente consideram realmente verdadeiros. (...) É como parte desta teia de premissas do bom senso, e não graças a alguma forma de metafísica primitiva, que o conceito de feitiçaria ganha sentido e adquire sua força.”¹⁵

Seguindo o que Geertz afirmou, para compreender a realidade cultural de um grupo, mesmo que seja uma interpretação dentro de inúmeras possíveis, é preciso saber relacionar os objetos mais simples da vida cotidiana com uma visão do sistema simbólico mais amplo, dependendo de “uma habilidade para analisar seus modos de expressão”.¹⁶ Ora, o que percebemos é que ao menos uma parcela dos paulistanos está mudando suas práticas mais relacionadas ao universo das crenças. Para entendermos o que se passa no campo das crenças, precisamos olhar para os pequenos hábitos. Elementos que muitas vezes se mostram insignificantes ou mesmo meros modismos, começam a ganhar uma dimensão mais ampla na medida em que são cotidianamente repetidos.

Para Campbell, o paradigma cultural, ou a teodicéia, que tem sustentado as práticas e o pensamento do Ocidente por praticamente dois mil anos está sofrendo, agora,

¹⁴ Clifford GEERTZ, *O saber local*.

¹⁵ Clifford GEERTZ, *O saber local*, p. 119.

¹⁶ *Ibid.*, p. 107.

um processo de substituição por um paradigma que tradicionalmente caracteriza o Oriente. Para o autor, essa mudança de paradigma não ocorre de imediato, mas já pode ser sentida no Ocidente há bastante tempo, e só agora começa a ficar visível. Algumas categorias distinguem os dois estilos. De um lado temos uma procura pela síntese, uma visão de totalidade, valorização da subjetividade e de um conhecimento intuitivo e dedutivo. De outro aparecem a ênfase da análise, que tornou possível todo o avanço da ciência ocidental, uma visão fragmentada, a busca da objetividade e de um conhecimento racional e indutivo. Desta breve lista, percebemos que muitas das novas formas de religiosidade enfatizam os aspectos atribuídos ao que Campbell denominou de modelo oriental.¹⁷ Um dos aspectos mais visíveis dessa mudança pode ser percebido no conceito que cada qual tem da realidade última. De uma visão dualista, com um criador divino, perfeito e separado do restante do mundo, passamos para uma visão monista onde não há separação entre sagrado e profano, pois o cosmos inteiro, nele incluído o ser humano, é visto como algo portador de sentido. Outro aspecto lembrado, diz respeito à diminuição da importância da instituição religiosa e ao aumento da de uma religião de tipo mística, mais individualista, sincrética, relativista e com forte crença de que a elevação espiritual pode ser alcançada através do esforço de cada indivíduo, como um auto-aperfeiçoamento.

Os dados levantados pela pesquisa sugerem que pode estar havendo essa transformação apontada por Campbell. Uma vez que o bairro da Vila Madalena é mais exposto às novas crenças, seja pelo perfil de sua população, seja pela presença de espaços voltados às novas práticas (e é claro que esses dois fatos podem ser mutuamente causais), percebemos que nesta região as mudanças são mais visíveis e rápidas. Porém, guardadas as diferenças entre os bairros e o fato de que muitas dessas novas crenças e práticas são difundidas

¹⁷ Colin CAMPBELL, *A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio*, p. 8.

pelos meios de comunicação e começam a fazer parte do senso comum, também no bairro do Pari podemos perceber algumas novidades.

Um exemplo disso diz respeito à imagem da própria divindade. Enquanto no Pari a visão é mais tradicional, embora já sejam significativos os indícios de mudança, na Vila Madalena tanto a visão tradicional como uma nova, mais monista, passam a conviver, indicando uma diferenciação entre ambas localidades no processo das alterações.

Em resumo, o que garante a presença das novas práticas é o sistema de crenças compartilhado por seus agentes. Esse sistema guarda estreitas relações com o conjunto de valores existentes na cultura. Da mesma forma que se alimenta desta última acaba contribuindo com sua parcela, pequena que seja, na composição de novas visões no âmbito mais amplo da sociedade. Os moradores dos bairros de Vila Madalena e do Pari, mesmo que os do primeiro sejam em maior número, que mais se caracterizam com as novas crenças, não se restringem ao universo denominado de Nova Era, mas constroem sistemas próprios que se inter-relacionam quer com a sociedade mais ampla, quer com o universo das novas espiritualidades, até mesmo porque esses dois últimos também mantêm entre si um intenso jogo de relacionamentos.

Considerações finais

A escolha desses dois bairros paulistanos, embora não permitindo generalização para toda a metrópole, nos permitiu perceber o grau de transformações no sistema de crenças e valores a partir do contato cada vez maior da população com as novas espiritualidades. Essa mudança no campo das crenças é acompanhada, em menor ou maior grau, por transformações e aquisições de novas práticas. Semelhantes em alguns aspectos, mas muito diferentes em outros, a comparação das duas localidades possibilitou perceber que as novas crenças são difundidas, também, por outros mecanismos que não apenas o acesso das pessoas às novas formas de vivência da religiosidade.

Vila Madalena é um bairro notadamente caracterizado como inovador e habitado por pessoas mais voltadas às práticas alternativas, entre elas as religiosas. Não foi surpresa que os dados colhidos apontaram, via de regra, uma maior interação de seus habitantes com as novas práticas e crenças. Mas, também no bairro do Pari essas novas práticas se fizeram presentes, embora em menor número. Podemos inferir que isso se deve a uma absorção desses valores pelo senso comum da sociedade brasileira em geral e da paulistana em particular. Mesmo que aceitas num primeiro momento como um elemento da moda, a permanência e o apego desses elementos indica um significado mais forte para seus praticantes. A naturalidade com que agem e com que absorvem as novas crenças faz pensar que aquela transformação apontada por Campbell¹⁸ está em pleno curso. Os limites dessa pesquisa não nos permitiram fazer recortes na população estudada, como por sexo, idade, renda e escolaridade. Acreditamos que uma aprofundamento e um alargamento da amostra, ainda a ser realizada, para demais regiões da cidade, nos permitirá compreender com mais acuidade o que ocorre no campo das crenças e das práticas mágico-religiosas na cidade de São Paulo.

Bibliografia

- ALMEIDA, Ronaldo de. Religião na metrópole paulistana. *Revista brasileira de ciências sociais*. V.19, n. 56, 2004, p.15-27.
- AMARAL, Leila. *Carnaval da alma: Comunidade, essência e sincretismo na Nova Era*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BELLAH, Robert. A nova consciência religiosa e a crise da modernidade. *Religião e Sociedade*. V.13, n. 2, 1986. p.18-37.
- BOY, Daniel; MICHELAT, Guy. Croyance aux parasciences: Dimensions sociales et culturelles. *Revue française de Sociologie*. V. 27, n. 2, avril-juin 1986, p 175-204.

¹⁸ Colin CAMPBELL, A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio.

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A crise das instituições tradicionais produtoras de sentido. In: MOREIRA A; ZICMAN R. (orgs). *Misticismo e novas religiões*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 23-41.
- CAMPBELL, Colin. A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio. *Religião e Sociedade*. V. 18, n. 1, ago., 1997.
- _____. Half-belief and the Paradox of Ritual Instrumental Activism: A Theory of Modern Superstition. *The British Journal of Sociology*, V. 47, n. 1, 1996.
- CARDOSO, Alexandre. Dimensões básicas da religiosidade belo-horizontina. *Estudos avançados*, V. 18, n. 52, set./dez. 2004, p. 63-75.
- CARNEIRO, Leandro Piquet; SOARES, Luiz Eduardo. Religiosidade, estrutura social e comportamento político. In: BINGERMER, Maria Clara (org.). *O impacto da modernidade sobre a religião*. São Paulo: Loyola, 1992.
- CHAMPION, Françoise. Religiosidade flutuante, ecletismo e sincretismos. In: DELUMEAU, J. *As grandes religiões do mundo*. Lisboa: Ed. Presença, 1997.
- _____. Univers mystique-ésotérique et croyances parallèles. *Futuribles*, n. 260, jan. 2001, p. 49-59.
- DILLON, Gláucio Ary; RAMOS, Paola Novaes. A imagem de Deus e suas correlatas. *Religião e Sociedade*. V. 23, n. 1, 2003. p. 9-34.
- GEERTZ, Clifford. *O saber local*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LAMBERT, Yves. Religion: l'Europe à un tournant. *Futuribles*. n° 277, Juil.-août, 2002, p. 129-159.
- _____. Vers une ère post-chrétienne? *Futuribles*. juillet-août, 1995, p. 85-111.
- MAGNANI, José Guilherme. *Mystica Urbe: Um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole*. São Paulo: Studio Nobel, 1999.
- MICHELAT, Guy. L'essor dès croyances parallèles. *Futuribles*. n. 260, janv. 2001, p. 61-72.
- PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANCHIS, Pierre. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In: ORO, A. P. ; STEIL, C. A. (orgs). *Globalização e religião*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 103-115.